MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar
2001 nº 213

OS PRIMÓRDIOS DA VILA DE SANTO ANTÔNIO DE GUARATINGUETÁ



O início de Guaratinguetá, nos anos de 1600, assim como o de Taubaté, Pindamonhangaba e outras vilas do Vale do Paraíba foi paupérrimo.

As primeiras famílias que vieram para cá, vão desbravar os sertões, dentro de suas terras e viver da economia de subsistência, isto é, plantar o suficiente para sobreviverem. O que sobrava da alimentação era vendido aos viajantes e aventureiros, que começavam a passar por aqui. Faziam o chamado **comércio de beira de estrada**, muito rudimentar, que apenas reforçava essa economia doméstica. Escravos praticamente não havia. O escravo negro só vai ser introduzido quando o açúcar começa a ser produzido, no século XVIII, depois de 1750.

Utilizavam para trabalhar a terra o elemento indígena, que havia por aqui. Não dispunham de muitos escravos indígenas, pois à medida que o branco ia chegando as tribos indígenas iam recuando.

Jacques Félix chegou mesmo a organizar entradas para aprisionar índios e vendê-los às vilas do litoral. Nesse tempo já não havia mais índios no litoral, que haviam fugido para o interior. Muitos vieram para o Vale do Paraíba. Os engenhos do litoral precisavam de braços indígenas e no começo compravam os índios em São Paulo. Daí a explicação para o 1º ciclo dos paulistas ser a **caça ao índio**. Antes de procurar ouro, os paulistas procuravam escravos. No Vale do Paraíba aconteceu a mesma coisa, não só utilizavam o índio nas lavouras como também o vendiam para o litoral. Isso fez com que, logo no início, as poucas tribos indígenas que aqui ficaram, emigrassem para os planaltos de Minas. Foram **os puris, os últimos aldeamentos indígenas da região**. E isso trouxe como problema a escassês de braços. As famílias que vinham para cá não dispunham de capital para comprar escravos africanos e eram poucos os escravos indígenas.

Na época as **comunicações** eram difíceis. Ou se faziam através de Paraty ou através do rio Paraíba até Jacareí. Daí por diante, através de trilhas indígenas até São Paulo, ou através de Minas. Este era o caminho que percorriam as bandeiras que pesquisavam ouro na Mantiqueira.

Assim, **Guaratinguetá** desenvolvia uma economia de subsistência como única forma possível de vida. Não havia mercado interno e externo que servisse às necessidades da população. Até 1700 estávamos isolados. Os povoadores tinham a preocupação de desbravar um pedaço do sertão, fazer uma roça, construir uma casa

fortificada e fazer pequenas benfeitorias. Construíam moinhos, monjolos, engenhocas rudimentares para o fabrico da farinha, do melado, do açúcar e criação de algum animal (tudo muito rudimentar). Plantavam a mandioca para obter a farinha, base da alimentação. Monjolo para moer o milho e obter o fubá, descascar o arroz, etc. Construíam a engenhoca para a fabricação do melado e do açúcar, para consumo local.

Desenvolvia-se a **policultura** (plantação variada), pois essa era preciso para comer. Não adiantava plantar uma coisa só. Utilizavam o necessário e as sobras eram utilizadas para o comércio de beira de estrada. A subsistência da família era mantida pelo trabalho de todos os seus membros, pois todos trabalhavam a terra. A situação vai mudar no século XVIII com o açúcar. Surgem os sobrados na vila, as casas grandes nas fazendas, grandes números de escravos. Aparece o **senhor de engenho**, que não trabalhava mais a terra, e que vai importar objetos, tecidos, vinhos, etc da Europa através de Paraty e Ubatuba.

As fazendas e sítios vão surgir ao longo das aguadas, sempre acompanhando os ribeirões e as margens das trilhas que conduziam aos portos e às minas, a fim de se facilitar a comunicação. É fácil reconstituir as origens das fazendas, acompanhando as terras que estão ao longo dos ribeirões, do caminho que levam à Cunha ou para Minas.

Primeiros Núcleos de Povoamento

As famílias iam se instalando e dando nomes aos bairros, aos rios e ribeirões, como por exemplo, o bairro dos Lemes, dos Bicudos, dos Mottas, ribeirão dos Mottas, ribeirão dos Antunes, dos Neves, etc. Pode-se reconstituir através dos nomes de bairros rurais e dos ribeirões de Guaratinguetá, o local onde essas famílias se estabeleceram, pois davam o nome ao lugar e aos ribeirões.

As famílias sempre iam se acomodando à medida que iam casando, as terras eram repartidas mas as pessoas ficavam sempre próximas, formando núcleos familiares em suas terras.

A **estrutura patriarcal** era a dominante. O pai dominava não só a sua família, como o genro, a nora, os netos; tudo girava em torno do pai. Assim o povoamento era sempre por família e seu chefe. Raro era o caso em que a mãe assumia a direção da família.

O povoamento se expandia principalmente em direção aos portos de Paraty e Ubatuba ou então, na direção de Minas Gerais. Pois, eram essas as trilhas percorridas e também por que visavam o comércio de beira de estrada. Também era no sentido de defesa, pois havia o terror do desconhecido e não se aventuravam sertão adentro. Sempre procuravam ficar mais próximos dos rios e dos caminhos.

A Vila se desenvolvia lentamente. Surgiam as primeiras casas de pau-a-pique, cobertas de sapé, em torno da igreja, que dominava o outeiro. Meia dúzia de casas, pois a parte maior da população habitava as fazendas; para cá vinham apenas fazer negócios, nas festas religiosas: Semana Santa, festa do padroeiro, ou em casamentos e enterros.

Nesse tempo as fazendas procuravam suprir todas as faltas que tinham, porque o português assimilava os costumes indígenas. Se a fazenda não tinha condições de ter conforto, utilizavam a rede, as esteiras, os pilões de madeira, a gamela, os potes de barro e faziam a policultura.

A vila resumia-se numa igrejinha de sapê e algumas casas. Em 1600 essa era a visão da Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá.

A comunicação com o porto de Paraty era feita através de uma vereda, de uma trilha tortuosa.

Surgiu **a rua do Porto**, a primeira da vila e seu comércio, o que fez expandir a vila em direção do rio, graças aos viajantes que por ela transitavam, desembarcando no porto do Paraíba.

A **principal produção era o milho**, produto para alimentar as pessoas e os animais, seguindo **o feijão, o arroz, e o amendoim**. **O algodão** era cultivado para o fabrico de tecido grosseiro. No início não havia panos importados e se vestiam apenas com roupas de algodão, plantado, fiado e tecido na própria fazenda.

Um ou outro morador tinha uma capa comprada na Europa. Esta valia mais que casas e terras, pois era coisa rara. Iniciava-se o cultivo do **fumo**, a criação de **porcos** e em menor escala a criação de **gado vacum**.

O braço escravo era o índio, que exerceu **grande influência** nos primórdios de Guaratinguetá. O índio deixou uma marca muito grande, não só aqui como em todo o Brasil. Em nenhuma outra região do Brasil o índio exerceu tanta influência como nessa área de São Paulo e do Vale do Paraíba. Em São Paulo chegou a ponto de se falar corretamente o tupi-guarani e não se falar o português, pois o branco que subia para o planalto se isolava das vilas do litoral, e as fazendas em torno de São Paulo eram organizadas por índios. Uma minoria de brancos, para uma maioria de índios. A miscenação foi intensa, pois raras eram as mulheres brancas.

A influência foi tão grande que não só se comia o que os índios comiam, como também se utilizavam muitas armas e adornos dos índios, como também a sua língua. Chegou a tal ponto, que as famílias brancas enviavam seus filhos aos colégios jesuítas para que reaprendessem o português.

Mesmo no Vale do Paraíba, ainda hoje, nota-se a influência indígena: no mercado - as peneiras, os balaios; nas roças - a maneira de se plantar utilizando antes a coivara ou queimada; a maneira de fazer armadilhas para pegar passarinhos, de fazer mundeus para caça; o covo no rio, para pegar peixes era técnica indígena que se usa ainda hoje.

As técnicas indígenas se incorporaram aos nossos costumes: os **mitos** dos nossos caboclos, como o saci-pererê, boitatá, mãe-d'água. Na **comida**, a farinha de mandioca e milho, o fubá, o cará, o inhame. Os traços fisionômicos do povo; a maneira das mulheres carregarem as crianças; de fazer a roça, construir casas de pau-a-pique.

No início as **profissões** eram raras na Vila. Não haviam profissionais, como médicos, advogados. Quase toda população vivia em função da agricultura e do comércio com os viajantes. **Viviam da terra, e com o comércio** dos caminhos de Paraty, Ubatuba e das Minas. Apareceram algumas **profissões artesanais**, como os ferreiros, cangalheiros, arcadores, seleiros. Sempre em função do comércio. As profissões religiosas eram raras.

As mulheres viviam reclusas em casa. Haviam quartos separados, nos fundos das casas, sem janelas, onde elas se recolhiam quando chegava hóspede. Raramente iam à Vila, só em caso de festas religiosas. Ficavam em casa fiando, tecendo, armazenando mantimentos, fabricando remédios.

Os fatores que concorreram para que elas ficassem encerradas em casa foram, em primeiro lugar, o fato era de que as mulheres brancas eram poucas e também pela "herança árabe dos portugueses" de confinar as mulheres.

A Casa do Bandeirante - Exemplo da Arquitetura da Época

Alpende à frente, à direita (isolada) a capela; à esquerda, o quarto de hóspede (o melhor da casa), que não se comunicava com o resto, depois um salão nobre (réutico). Quando aparecia um estranho, as mulheres comiam num salão no fundo. Os quartos dos homens solteiros, davam para o salão nobre e os da mulheres, para o salão do fundo, sem janelas. A cozinha era fora da casa - influência indígena. As cozinhas dentro de casa apareceram apenas no ciclo do açúcar...

Estrutura Política

A **Vila era governada pela Câmara** e a autoridade - regia era representada pelo **Capitão-mor**, que era nomeado para o cargo. A Câmara era eleita pelos homens brancos, os "bons", e seus membros, em número de 5. Só votavam aqueles homens "bons" descendentes de portugueses nobres, com pureza de sangue, isto é, aqueles que não tinham sangue de judeu, de índio ou de negro.

A **função do Capitão-mor**, era de fiscalizar, taxar as populações, cobrar os dízimos. Quando nascia ou morria algum príncipe português era encarregado de recolher dinheiro para as missas.

À Câmara cabia coibir a alta de preços.

O Juiz de órfão cuidava dos interesses dos órfãos.

O escrivão, era eleito entre os brancos. Era encarregado da escrita das atas da Câmara e tinha a chave da arca do Conselho, onde estavam guardados os documentos.

O Tabelião, era quem registrava as escrituras e inventários.

Era comum choques entre a Câmara e o Capitão-mor. Escreviam para o rei reclamando.

Nessa época a maioria das mulheres eram analfabetas. A concepção da época, era de que a mulher não precisava saber ler e escrever. Não havia escola. Só no século XVIII é que apareceram.

Os homens apenas sabiam escrever o nome, mais nada. Todas as autoridades se dedicavam ao campo, pois também viviam da terra.

Havia pouca cultura. Apenas os **Vigários** (poucos cultos), ministravam aulas de catecismo, doutrina e moral católica, exercendo severo controle sobre a vida social da Vila. A Igreja era o equilíbrio moral da Vila.

Devido ao isolamento das fazendas não havia vida social. As igrejas, por causa disso, eram os edifícios mais ricos, porque toda a vida social se concentrava nelas. A religião era o lazer e o consolo do povo.

As famílias construiam altares riquíssimos para que seus membros fossem enterrados sob o altar ou no chão das igrejas. Concorriam uma família com a outra. Era através da religião e suas Irmandades, que se projetava a vida das pessoas. Deixavam terras, escravos, casas para as igrejas, quando morriam, esperando, com essas esmolas, ganhar o céu.

Assim era Guaratinguetá no início de sua vida...

JOSÉ LUIZ PASIN

NOTA - Síntese da palestra do Professor José Luiz Pasin no Museu Frei Galvão, em maio de 2001.